

FRÉDÉRIC LENOIR

**O
MILAGRE
ESPINOSA**

**UMA FILOSOFIA PARA
ILUMINAR NOSSA VIDA**

Tradução de Marcos Ferreira de Paula

 **EDITORA
VOZES**

Petrópolis

© Librairie Arthème Fayard, 2017

Título do original em francês: *Le miracle Spinoza – Une philosophie pour éclairer notre vie*

Direitos de publicação em língua portuguesa – Brasil:

2019, Editora Vozes Ltda.

Rua Frei Luís, 100

25689-900 Petrópolis, RJ

www.vozes.com.br

Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

CONSELHO EDITORIAL

Diretor

Gilberto Gonçalves Garcia

Editores

Aline dos Santos Carneiro

Edrian Josué Pasini

Marilac Loraine Oleniki

Welder Lancieri Marchini

Conselheiros

Francisco Morás

Ludovico Garmus

Teobaldo Heidemann

Volney J. Berkenbrock

Secretário executivo

João Batista Kreuch

Editoração: Elaine Mayworm

Diagramação: Sheilandre Desenv. Gráfico

Revisão gráfica: Lindsay Viola

Capa: Rafael Nicolaevsky

ISBN 978-85-326-6491-4 (Brasil – Edição digital)

ISBN 978-2-213-70070-0 (França – Edição impressa)

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

*Não zombar, não lamentar, não
detestar, mas compreender.*

Baruch de Espinosa

Sumário

Apresentação – O milagre Espinosa

I – O revolucionário político e religioso

- 1 Conversão filosófica
- 2 Um homem ferido
- 3 Um pensador livre
- 4 Uma leitura crítica da Bíblia
- 5 Espinosa e o Cristo
- 6 Uma traição do judaísmo?
- 7 O precursor das Luzes

II – O mestre da sabedoria

- 1 *A Ética*, um guia para a felicidade perfeita
- 2 O Deus de Espinosa
- 3 Aumentar em potência, perfeição e alegria
- 4 Compreender esses sentimentos que nos governam
- 5 Cultivemos o desejo
- 6 Para além do bem e do mal
- 7 Liberdade, eternidade, amor

Conclusão – Grandeza e limites do espinosismo

Posfácio – Uma conversa com Robert Misrahi

Referências

Apresentação

O milagre Espinosa

A vida tem às vezes curiosas malícias. Dois homens, entre os maiores gênios da humanidade, nasceram a menos de um mês de intervalo, viveram muito modestamente a alguns quilômetros um do outro, morreram relativamente jovens (com 43 e 44 anos) e bastante pobres para deixar dívidas a seus herdeiros. Ainda que suas obras tenham tido um certo brilho durante sua vida, foi somente dois séculos após o desaparecimento deles que o seu gênio foi reconhecido e que sua influência se tornou planetária. Um era pintor, o outro era filósofo.

Ambos nasceram nos Países Baixos em 1632. Johannes Vermeer e Baruch de Espinosa jamais se encontraram. Há, no entanto, além de suas biografias, um espantoso parentesco em suas obras: a luz. A qualidade da luz dos interiores de Vermeer faz eco às luminosas demonstrações de Espinosa; elas nos fazem olhar o homem e o mundo de outra forma.

Encontrei Espinosa muito tardiamente, mas foi um dos encontros mais marcantes de minha existência. Foi então que compreendi por que Vermeer era sem dúvida o pintor que mais me tocava: a harmonia que revela a luz de suas telas tem sobre mim, como o pensamento do filósofo, um efeito profundamente apaziguante.

Quando, no início dos anos de 1980, fiz meus estudos de filosofia

na universidade, Espinosa não estava inscrito no programa oficial. Apenas tinha sido evocado durante um curso de filosofia política. Foi somente em 2012, durante a redação de minha obra *Du bonheur, un voyage philosophique*^[*], que verdadeiramente descobri o pensamento desse filósofo judeu de origem portuguesa, que viveu nos Países Baixos no século XVII. Foram dois amigos, finos conhecedores de Espinosa, Raphaël Enthoven e Bruno Giuliani, que ademais me colocaram na pista da *Ética* e eu os agradeço vivamente: foi amor à primeira vista. Inicialmente – como todas as paixões em que ocorre um efeito de espelho – porque encontrava aí muitos aspectos de minha própria visão de mundo. Em seguida, porque ele me conduzia por trilhas que eu não tinha ainda explorado e me obrigava a me colocar novas e pertinentes questões. Há cinco anos, frequento-o quase cotidianamente. O filósofo se tornou um amigo querido, mesmo se não partilho necessariamente todas as suas ideias. Malgrado as numerosas provações de sua breve existência, a alegria está no coração da filosofia de Espinosa, e sua influência me incitou a escrever dois anos mais tarde, quando atravessava eu mesmo uma provação de vida, *La puissance de la joie*^[**].

Certamente, a leitura de sua obra maior, a *Ética*, não é fácil. Eu a li muitas vezes, e algumas passagens me restam ainda obscuras. Mas pouco importam as dificuldades; retiro dela incessantemente novos esclarecimentos que afinam meu espírito, me inundam no entusiasmo, mudam às vezes meu olhar e me ajudam a viver melhor. Espinosa é um desses autores que podem mudar uma vida. De Bergson a Einstein, contam-se muitos grandes pensadores que reconhecem uma dívida profunda para com ele. Quero dar aqui apenas o testemunho de Goethe, porque ele exprime de forma tão justa a maneira pela qual Espinosa pode iluminar nossa inteligência e apaziguar nosso coração, e isso, mesmo se nosso temperamento parece ser bastante diferente do

seu. Eis o que escreve o autor do *Fausto* em suas Memórias:

Eu tinha recebido em mim a personalidade e a doutrina de um homem extraordinário, de uma maneira incompleta, é verdade, mas experimentava já notáveis efeitos. Esse espírito, que exercia sobre mim uma ação tão decidida, e que devia ter sobre minha maneira de pensar uma tão grande influência, era Espinosa. Com efeito, após ter buscado em vão no mundo inteiro um meio de cultura para minha natureza estranha, acabei por cair sobre a *Ética* desse filósofo. O que pude extrair dessa obra, o que pude nela colocar de meu, eu não saberia relatar; mas encontrava aí o apaziguamento de minhas paixões; uma grande e livre perspectiva sobre o mundo sensível e o mundo moral parecia se abrir diante de mim. [...] de resto, não se pode ademais desconhecer aqui que, propriamente falando, as mais íntimas uniões resultam de contrastes. A calma de Espinosa, que apazigua tudo, contrastava como meu *élan*, que agitava tudo; seu método matemático era o oposto de meu caráter e de minha exposição poética, e era precisamente esse método regular, julgado impróprio às matérias morais, que fazia de mim seu discípulo apaixonado, seu admirador mais pronunciado. [...] Eu me aplicava a essa leitura, e acreditei, olhando para mim mesmo, jamais ter tido uma visão tão clara do mundo^[1].

O que Goethe sublinha de tão surpreendente é o contraste entre o caráter geométrico particularmente árido da *Ética* e a força de apaziguamento que essa obra pode proporcionar, notadamente sobre os tipos mais apaixonados. Espinosa tem a ambição de demonstrar, de maneira quase objetiva, a inteligência e a harmonia profundas que unem todo o real. Partindo de Deus, definido como a substância única do que é, ele espera mostrar que tudo tem uma causa – da ordem cósmica à desordem de nossas paixões – e que tudo se explica pelas leis universais da Natureza. Todo caos é apenas aparente; o acaso,

como os milagres, não existe.

Mas, se há um milagre que a gente gostaria de desmascarar por um exato conhecimento das causas é de fato o milagre Espinosa! Como esse homem pôde, em menos de duas décadas, edificar uma construção intelectual tão profunda quanto revolucionária? Pois, como veremos, o pensamento de Espinosa constitui uma verdadeira revolução política, religiosa, antropológica, psicológica e moral. Tomando a razão como único critério da verdade, ele se põe de imediato no universal e no intemporal, porque ela é a mesma para todos os homens de todos os tempos. Eis por que sua mensagem não tem nada a temer pelo desgaste do tempo ou pelas singularidades de seu nascimento. O racionalismo, como se sabe, foi iniciado por Descartes sobre a base do dualismo. De um lado, o mundo material; de outro, o mundo espiritual. Espinosa se coloca igualmente sobre a égide da razão, mas ultrapassa largamente essa clivagem. Seu pensamento rigorosamente geométrico desconstrói os sistemas existentes para erigir uma filosofia que não faz mais a separação entre o Criador e a criação, o espiritual e o material, mas apreende em um mesmo movimento o homem e a natureza, o espírito e o corpo, a metafísica e a ética.

Esse ato de violência intelectual, Espinosa o realiza num século XVII em que triunfam os obscurantismos, as intolerâncias, o fanatismo. Insensível aos conformismos – suas obras serão condenadas por todas as religiões –, ele libera o espírito humano das tradições e dos conservadorismos. E isso em todos os domínios. No século XX, Albert Einstein encontra em sua obra o prolongamento metafísico da revolução física que ele opera. Mas sua concepção do homem é igualmente contemporânea. Ele reconciliou o corpo e a mente, reconstituiu o quebra-cabeça dos sentimentos, do pensamento e das crenças. Atualmente, mesmo o célebre neurocientista Antonio

Damasio vê em Espinosa o precursor de suas teorias sobre as emoções. Não inspirou ele igualmente as Luzes, a exegese bíblica, a história das religiões, não foi ele filólogo, sociólogo e etólogo muito antes que essas disciplinas se constituíssem?

Espinosa é seguramente genial, e a gente pena às vezes em seguir sua potência intelectual, mas sua abstração visa apenas propor uma sabedoria que não traça nenhuma via imperativa para permitir a cada um encontrar o caminho da alegria. “Que homem, que cérebro, que ciência e que espírito!”, exclamava já Flaubert a seu propósito. Será preciso, contudo, esperar o século XX para que os progressos das ciências humanas, mas também da biologia, venham ainda confirmar muitas de suas teses. Acrescentemos que ele falava correntemente o flamenco, o português e o espanhol; que podia ler o italiano, o alemão e o francês, assim como quatro línguas antigas: o hebreu bíblico, o aramaico, o grego e o latim.

A construção da *Ética*, com seu aparato de axiomas, definições, proposições, demonstrações, corolários e escólios, é complexa e torna sua leitura árdua, mas suas outras obras são redigidas de maneira mais fluida e acessível. Espinosa escreve, como as cartas de seu tempo, em um latim sem fímulas e utiliza o vocabulário clássico da metafísica provindo da escolástica medieval, tal como aquele utilizado por Descartes algumas décadas antes. Como esse vocabulário nos é às vezes muito distante, eu o explicarei na medida em que as teses espinosistas forem apresentadas nesta obra. Ademais, ele escreveu relativamente pouco e, em razão da perseguição de que foi vítima, só publicou duas obras durante sua vida: *Os princípios da filosofia cartesiana* (1663) e o *Tratado teológico-político* (1670). Suas outras obras foram publicadas um ano após sua morte, em 1678: o *Breve tratado*, o *Tratado da reforma da inteligência* (inacabado), a *Ética*

(concluída em 1675), o *Tratado político* (inacabado), um *Compêndio de gramática hebraica* (inacabado), assim como dois breves tratados científicos, descobertos posteriormente, e dos quais não se está certo que sejam de sua autoria: o *Cálculo de probabilidades* e o *Tratado do arco-íris*^[***]. A isto se pode acrescentar suas 48 cartas que foram conservadas, numa correspondência de 84 cartas, caso se contem as respostas de seus diversos interlocutores^[2].

Além de seus escritos e sua correspondência, sua vida nos é conhecida por cinco outras fontes: o prefácio das *Obras póstumas* (1678, breve, mas confiável); o artigo que lhe consagrou Pierre Bayle em seu *Dictionnaire historique et critique* (1697, fascinado pelo sábio, mas hostil a suas ideias, ele é voluntariamente irônico); o prefácio de Sébastian Kortholt à reedição do *Tratado dos três impostores*, escrito por seu pai 20 anos mais cedo (1700, Espinosa sendo um dos três impostores); a *Vida de Espinosa*, do pastor luterano Jean Colerus (1704, ele refuta as ideias de Espinosa, mas é tocado pelo homem e levado a uma investigação séria sobre sua vida); e, em 1719, *A Vida e o Espírito de Bento de Espinosa*, do médico francês Jean-Maximilien Lucas (um discípulo de Espinosa que se inspirou em documentos antigos, provindos de pessoas próximas ao filósofo)^[****].

Espinosa explica na *Ética* que nossos pensamentos e nossos sentimentos estão intimamente ligados. Eu me esforçarei, portanto, o quanto for possível, para esclarecer seu pensamento por sua vida, utilizando essas diferentes fontes, sem evitar às vezes assinalar eventos que permanecem sujeitos a debate. Contudo, conhecem-se suficientemente os fatos para se ter uma ideia bastante clara da personalidade e do modo de vida desse filósofo, o qual procurou durante toda sua existência pôr em coerência seu pensamento com seus atos. E é justamente por isso que Espinosa nos é tão próximo e é de fato mais do que um simples pensador: ele é antes de tudo um

sábio que busca mudar nosso olhar a fim de nos tornar livres e felizes, como ele próprio o foi.

Em seu sistema filosófico, Espinosa põe a razão no centro de tudo. Ele está convencido, e tentará demonstrá-lo, que a totalidade do real – das longínquas galáxias ao coração do ser humano – é regida por leis imutáveis, que explicam todos os fenômenos. “O homem não é um império num império”^[3], explica. Ele é uma parte da natureza e obedece às leis universais do ser vivo. Ele não tem nenhum privilégio que lhe confira um estatuto à parte na criação – vê-se aqui uma potente ruptura com toda a teologia judaica e cristã, mas também com o pensamento de Descartes. Seu comportamento responde, como todo fenômeno natural, a leis de causalidade que basta conhecer para compreender. Convencido de que a razão é capaz de apreender os mecanismos que nos determinam, Espinosa propõe uma via de liberação fundada sobre uma observação minuciosa de nós mesmos, de nossas emoções, de nossos desejos, de nossa constituição física, o que, por si só, nos tornará livres.

Essa convicção de que o real é totalmente inteligível é a pedra angular de todo o edifício espinosista. Para ele, nada é irracional. Certamente, nós podemos adotar um comportamento julgado irracional, mas este se explica por causas que basta descobrir. O ciúme ou a cólera, mesmo a mais louca, têm explicação tão lógica quanto uma tempestade ou uma erupção vulcânica. Pode-se então compreender essa expressão que Espinosa utiliza por três vezes em suas obras: “Não zombar, não lamentar, não detestar, mas compreender”^[4]. Escolhi essa frase como epígrafe deste livro porque ela resume maravilhosamente a intenção de Espinosa que prevalece em sua abordagem filosófica: em vez de reagir face aos eventos com nossas emoções, tentemos compreendê-los. Quando tivermos

compreendido que tudo tem uma causa e apreendido o encadeamento das causas que produziram tal evento natural ou tal ação humana, não estaremos mais nem no julgamento moral, nem no sarcasmo, nem na queixa, no ódio ou na cólera. Poderemos ter um olhar racional, justo, e, portanto, apaziguado, sobre qualquer situação. Isso não elimina a condenação ou a crítica de tal ou tal ação, mas encararemos, por exemplo, um crime como se considerássemos um terremoto: alguma coisa de terrível, mas lógica, em vista do encadeamento das causas naturais que estão na sua origem. As consequências podem ser trágicas, mas elas não são jamais irracionais, e é tão vão odiar um criminoso quanto odiar a natureza na origem de um terremoto. Vê-se por aí o quanto Espinosa é um precursor da psicologia profunda, mas compreende-se melhor também por que ele exprime tão frequentemente sua admiração pelo pensamento do Cristo (embora ele não tenha nenhuma inclinação pela religião cristã, ou qualquer outra religião) – este não cessava de repetir: “Não julgue!”, e disse aquelas palavras tão fortes, quando estava morrendo sobre a cruz e a turba zombava dele: “Pai, perdoem-lhes, porque eles não sabem o que fazem”. Se ela soubesse, não teria zombado daquele inocente injustamente condenado e teria, ao contrário, agido para que ele fosse libertado. A ignorância, como já afirmavam Buda e Sócrates, é a causa de todos os males. Inversamente, o conhecimento abre a via à mudança, à ação apropriada, à liberdade.

Essa leitura totalmente “desapaixonada” dos eventos da vida pode, é claro, suscitar críticas. A análise que a sustenta permanece, a meu ver, profundamente justa. Compreende-se então, e nós voltaremos a isso, por que Espinosa não faz nenhum julgamento sobre os atos humanos: ele busca antes compreendê-los para melhorá-los. Vencer o mal atacando suas causas profundas lhe parece, além disso, mais útil do que passar seu tempo a se indignar, se lamentar, detestar e

condenar, o que nos dispensa muitas vezes de agir. É um dos aspectos da filosofia de Espinosa no qual imediatamente me reconheci. Através de todas as minhas obras e minhas intervenções nas mídias, procuro compreender e explicar seriamente antes que me engajar nas polêmicas apaixonadas, frequentemente estéreis. Ocorre-me evidentemente de me indignar ou de estar revoltado, mas não faço disso uma postura e procuro ultrapassar minhas emoções para compreender, mas também agir (através, principalmente, de uma fundação para a educação do *saber-ser* e do *viver-junto*, e uma associação em favor do bem-estar animal^[5]).

Eis aqui uma das razões pelas quais, caro leitor, Espinosa é não somente um pensador inspirador, mas também um amigo. Eu vos farei descobrir muitas outras ao longo deste livro que escrevi com alegria.

[*]. *Sobre a felicidade – Uma viagem filosófica*, publicado em 2016 pela Editora Objetiva [N.T.].

[**]. *A potência da alegria*. No Brasil este livro foi traduzido com o título *O poder da alegria* e publicado em 2017 pela Editora Objetiva [N.T.].

[1]. GOETHE, J.W. *Mémoires*. Hachette, 1893, p. 537, 572 [trad. Jacques Porchat].

[***]. Atualmente, todas as obras de Espinosa estão publicadas em português, no Brasil. Ao leitor interessado, indicamos particularmente a edição bilingue da *Ética*, publicada pela Edusp em 2015, assim como as edições também bilíngues da *Ética*, do *Breve tratado* e dos *Princípios da filosofia cartesiana e pensamentos metafísicos*, publicadas pela Editora Autêntica. A Editora WMF Martins Fontes oferece boas traduções do *Tratado teológico-político*, do *Tratado político* e do *Tratado da reforma da inteligência*. Recentemente, a Editora da Unicamp publicou uma belíssima tradução do *Tratado da emenda do intelecto*. As obras completas de Espinosa foram publicadas em 2014 pela Editora Perspectiva, e ainda que haja aqui e ali alguns erros de tradução que por vezes comprometem a clareza e o entendimento dos textos,

são recomendáveis sobretudo porque elas oferecem ao leitor interessado obras de Espinosa que até então não haviam sido traduzidas para o português, como o *Compêndio de gramática hebraica*, toda a *Correspondência* – além da primeira biografia do filósofo escrita por Colerus [N.T.].

[2]. Quando citar Espinosa, utilizarei como base as *Œuvres complètes* publicadas pela Biblioteca da Pléiade, muito bem traduzidas por R. Caillois, M. Francès e R. Misrahi, ainda que às vezes eu faça nelas algumas ligeiras modificações para facilitar a clareza de exposição.

[****]. Há tradução em português dessa obra: *A Vida e o Espírito de Bento de Espinosa – Tratado dos Três Impostores*. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [N.T.].

[3]. *Ética*, prefácio da parte III.

[4]. Início do *Tratado político*, terceira parte da *Ética* e “Carta 30 a Henry Oldenburg”. Prefiro traduzir por “não zombar” em vez de “não rir” (*non ridere*), que se presta à confusão. Pois Espinosa não tem nada contra o riso, pelo contrário, mas critica aqui a zombaria, esse riso às custas do outro, que constitui uma paixão triste.

[5]. Cf. fondationseve.org e ensemblepourlesanimaux.org

I

**O revolucionário político
e religioso**

1

Conversão filosófica

Toda a nossa felicidade e nossa miséria dependem somente da qualidade do objeto ao qual nos atamos por amor.

Os antepassados de Baruch de Espinosa eram muito provavelmente judeus espanhóis expulsos em 1492 e que encontraram refúgio em Portugal. A maior parte desses exilados eram conversos, convertidos ao catolicismo (mais frequentemente sob coerção), e alguns dentre eles, que eram chamados com desprezo de “marranos”, continuavam a praticar secretamente o judaísmo^[*]. Ameaçados novamente de expulsão, muitos judeus tiveram que receber um batismo forçado, enquanto outros emigraram para o Império otomano, algumas cidades da Itália e, no fim do século XVI, para as Províncias Unidas dos Países Baixos, quando estas se emanciparam da tutela da Espanha. Fundada em 1581, a República das Províncias Unidas dos Países Baixos tornou-se no curso do século XVII uma federação comercial considerável, ao mesmo tempo marítima e colonial, rivalizando com a Inglaterra, a França e a Espanha. Quando nasce Baruch de Espinosa, em 1632, as Províncias Unidas possuem os mais importantes portos navais e o mais potente banco da Europa. Mas é também uma terra de asilo para aqueles que fogem das perseguições políticas e religiosas. Ainda que majoritariamente calvinistas, os holandeses toleram a presença de numerosas seitas protestantes, católicas e judaicas. Mesmo se elas são às vezes reprimidas, as

*image
not
available*

grego. Ele é excluído da Companhia pouco antes de ser ordenado padre, por “erros” que nos são desconhecidos, mas que provêm certamente de divergências doutrinárias, pois o antigo jesuíta se revela em seguida de uma liberdade inédita. Ele segue estudos de medicina, casa-se, depois se muda pra Amsterdã em 1645, onde abre com seu irmão (um gravurista conhecido) um negócio de arte. Após a falência de sua empresa, ele cria, provavelmente em 1652, uma escola de latim destinada aos filhos da burguesia que se preparam para entrar na universidade. Entretanto, como o sublinha com irritação o renomado pastor Colerus em sua biografia de Espinosa: “Esse homem ensinava com bastante sucesso e reputação; de sorte que os mais ricos comerciantes da cidade lhe conferem a instrução de seus filhos, antes que se tivesse reconhecido que ele mostrava a seus discípulos outra coisa que o latim. Pois se descobriu enfim que ele semeava no espírito desses jovens as primeiras sementes do ateísmo”. E cita testemunhos de antigos alunos de Van den Enden mantidos fiéis à Igreja Luterana de Amsterdã que “não se cansam de abençoar a memória de seus pais, que os arrancaram ainda a tempo da escola de satã, tirando-os das mãos de um mestre tão pernicioso e ímpio”^[9].

De fato, o antigo jesuíta se fez rapidamente conhecer por suas ideias originais, julgadas por muitos como subversivas: ele prega uma total liberdade de expressão, a educação das massas e o ideal democrático. Sua reputação torna-se demasiado sulfurosa e ele não pode mais continuar a ensinar em Amsterdã. Em 1670, convidado por nobres franceses que seguiram seu ensino, ele se muda pra França e abre uma escola em Paris. Mas, quando a França de Luís XIV invade os Países Baixos, ele tenta – com ajuda de cúmplices tanto franceses (Luís de Rohan, que falhará em um complô contra o rei) quanto holandeses – instaurar uma república independente na Normandia, com o projeto, sempre segundo Colerus, de abrir um fronte interior

*image
not
available*

muçulmanos que eram obrigados a se converter ao cristianismo na Espanha, Portugal e, posteriormente, no Brasil. Normalmente, continuavam a praticar sua religiosidade no âmbito privado, em sigilo. *Marrano* era um termo pejorativo que, dentre outras coisas, significava *porco* ou *imundo*. Era um termo aplicado aos mouros e judeus convertidos, suspeitos de se manterem leais a suas tradições religiosas, por conta da aversão islâmica e judaica à carne de porco [N.T.].

[6]. A casa natal de Espinosa estava situada no n. 57 da Breestraat. Ela foi destruída, como a maior parte das velhas casas do bairro judeu. Atualmente, esse local é a sede da *Igreja Católica Moisés e Aarão*.

[7]. LUCAS, J.-M. "La vie de B. de Spinoza". In: SPINOZA. *Œuvres complètes*. Op. cit., p. 1.341.

[8]. Segundo outras fontes, Espinosa teria começado a seguir os cursos de Van den Enden após a morte de seu pai, ocorrida em 1654. Isso não muda nada no essencial do que vai se seguir.

[9]. COLERUS, J. "Vie de B. de Spinoza". In: SPINOZA. *Œuvres complètes*. Op. cit., p. 1.308.

[10]. *Ibid.*, p. 1.309.

[11]. *Tratado da emenda do intelecto*, § 1. In: SPINOZA. *Œuvres complètes*. Op. cit., p. 102.

[12]. *Ibid.*, p. 105.

[13]. *Ibid.*

[14]. *Ibid.*, p. 104.

[15]. *Ibid.*

estavam em conflito com o partido republicano e liberal de Jean de Witt. As posições antirreligiosas e pró-republicanas de Espinosa só podiam enfraquecer a comunidade judaica, fragilizá-la diante de seus principais apoiadores. Já que ele recusava calar publicamente suas ideias heterodoxas e liberais, melhor valia se separar publicamente desse homem. Tanto mais que Espinosa havia recusado renunciar às suas “heresias” e cogitou mesmo a redação de uma apologia para se justificar. Esse texto jamais foi encontrado, e é muito provável que tenha servido de esboço ao *Tratado teológico-político*.

Essa terrível condenação tem por efeito imediato constranger Baruch a deixar a casa de sua família e romper os laços que ele tinha com sua irmã Rebeca e seu jovem irmão Gabriel. Afora seus poucos negócios pessoais (dentre eles 14 livros), ele pede uma só coisa aos últimos membros de sua família: levar o leito baldaquino dos pais no qual ele fora concebido. Ele deixa o bairro judeu para ser abrigado, provavelmente por alguns anos, por Van den Enden, que possui uma linda casa no Canal Singel. Baruch paga o locador de seu quarto, suas refeições, a tinta e o papel de que ele precisa para escrever, dando cursos de hebraico aos estudantes que desejam ler a Bíblia na língua em que ela foi escrita.

Nas primeiras páginas do Tratado do entendimento, Espinosa fazia muito claramente alusão aos males e tristezas que o apego ao dinheiro, às honras e aos prazeres sensuais podem trazer. Compreendesse-o bem, caso se tenha em conta as preocupações financeiras e o opróbrio público que ele acabara de viver. Mas o que dizer dos prazeres sensuais? É possível que Espinosa tenha perdido sua virgindade frequentando meretrizes, e que tenha sentido a famosa tristeza pós-coito, tanto mais viva quanto o ato seja feito sem amor. O que é mais provável ainda é que ele tenha sentido desejo e amor pela filha única de seu mestre: Clara-Maria. Quando Baruch encontrou

são grupos de reflexão filosófica, provindos principalmente dos protestantes anabatistas (que promovem um batismo de conversão na idade adulta). Seu centro principal situa-se justamente em Rijnsburg. Os menonitas são anabatistas que não acreditam no dogma da Santíssima Trindade e desenvolvem um pensamento tolerante e pacifista. Como veremos, as ideias de Espinosa são muito mais radicais que as desses cristãos heterodoxos e liberais. Mas é no seio desses círculos de pensamento abertos ao debate filosófico que Baruch encontra um acolhimento amistoso e um terreno favorável às trocas que lhe permitem desenvolver suas ideias. Entre seus principais amigos, provindos desses círculos, alguns dos quais tornam-se rapidamente verdadeiros discípulos, os mais importantes são Simon de Vries, Jan Rieuwertsz, Pieter Balling e Jarig Jelles.

Herdeiro de ricos comerciantes, dois anos mais novo que Baruch, Simon de Vries consagra o essencial do seu tempo a organizar os *colegas*, e sua correspondência com Espinosa mostra que ele organiza, desde janeiro de 1663, grupos de leitura e discussão dos primeiros escritos do jovem filósofo. Jan Rieuwertsz é o fiel editor de Espinosa. Esse menonita hábil e determinado publica a maior parte dos textos de autores subversivos. Até 1646, sua livraria abriga os *colegas* antes que a intervenção das autoridades, sob a pressão dos calvinistas, os obrigue a partir de Amsterdã para Rijnsburg. Em 1657, ele publica em holandês obras de René Descartes, antes de publicar a integralidade dos escritos de Baruch, frequentemente sob falsos nomes de autor e editor. Falecido prematuramente em 1664, Pieter Balling é um de seus primeiros companheiros. Excelente tradutor, ele verteu para o holandês a primeira obra de Espinosa, consagrada a Descartes. Aliás, ele provavelmente fez o jovem Espinosa conhecer o pensamento do filósofo francês quando seguia os cursos de latim na casa de Van den Enden.

1942, a biblioteca foi tomada por um corpo expedicionário nazista por ordem do ideólogo do partido nacional-socialista, Alfred Rosenberg, fascinado pelo que ele chama o “problema Espinosa”^[20]**], a saber: Como um judeu pôde ser um tão grande gênio para influenciar um gigante tal como Goethe? A biblioteca foi reextraditada para Rijnsburg em 1946.

É, portanto, nessa casa, junto a um pomar, que Baruch elabora os fundamentos de seu edifício filosófico. Ele aluga dois pequenos cômodos no térreo de um casal, cujo marido é um cirurgião, e toma sopa todas as noites com seus anfitriões. Durante alguns meses, ele alberga um jovem a quem ensina os fundamentos da filosofia de Descartes. Ele confessa em uma carta a seu amigo Simon de Vries, o qual invejava a sorte que tinha aquele jovem de permanecer perto dele: “Você não tem razão de invejar Casarius: ninguém com efeito me pesa mais do que ele, e não há ninguém de quem eu tenha mais desconfiança”^[21]. O que receia Espinosa é que o rapaz, de cuja instrução filosófica ele está encarregado, compreenda mal seu próprio pensamento e esteja na origem de rumores que lhe valham aborrecimentos com as autoridades públicas. Eis por que, tão logo acabada sua obra sobre Descartes – e sem dúvida até em paralelo – ele se põe à escrita de seu *Tratado da reforma do entendimento*, no qual estão já postas as grandes linhas de seu sistema, tal como ele desenvolverá mais tarde na *Ética*: o bem e o mal são relativos, da mesma forma que o perfeito e o imperfeito. “Tudo o que se faz, se faz segundo uma ordem eterna e leis determinadas da natureza”^[22]; o soberano bem é “o conhecimento da união da mente com a natureza total”^[23]. E o jovem confessa de novo: “Eis, portanto, o fim para o qual tendo: adquirir essa natureza superior e tentar que outras a adquiram comigo, porque faz parte de minha felicidade dedicar-me a que muitos outros compreendam comigo, de modo que o

4

Uma leitura crítica da Bíblia

Os vestígios de uma antiga servidão da alma.

Após ter passado alguns anos em seu agradável retiro de Rijnsburg, Baruch decide aproximar-se de Haia e muda-se para Voorburg, lindo vilarejo situado a menos de três quilômetros da capital política das Províncias Unidas. É também aí que reside Christiaan Huygens. Pode-se ler nessa nova mudança a vontade do jovem filósofo de se aproximar dos meios políticos e de estender sua influência. A república está de fato muito frágil. Ela é governada desde 1653 pelo *Grande Pensionário*^[27] Jean de Witt, um liberal esclarecido, que coordena a política econômica e diplomática das sete províncias. Mas ela é contestada pela Casa de Orange, que desejaria restabelecer uma forma de monarquia calcada sobre o modelo britânico, com o apoio dos calvinistas. Calvinistas e orangistas são também favoráveis a um Estado forte, centralizado e conquistador, à imagem da França católica de Luís XIV, enquanto os republicanos desejam manter um Estado descentralizado, pacifista e liberal. A república é tanto mais frágil quanto seu apoio popular é relativamente tênue. Como vamos ver, Espinosa não cessa de se interrogar sobre as razões que fazem com que o povo prefira muitas vezes ser submisso a um poder forte, até mesmo tirânico, a se emancipar no seio de uma república tolerante e liberal.

Isso certamente vale para os seus ouvintes. E Espinosa explica por que os profetas sempre manifestaram “sinais” (percebidos por eles mesmos e por seus ouvintes como milagres, isto é, intervenções diretas de Deus transgredindo as leis da natureza): porque a imaginação não pode dar um poder de certeza tão forte quanto a razão, é preciso que a palavra profética, para ser acreditada, seja acompanhada de um prodígio, do qual a revelação pela mente não tem nenhuma necessidade: “A profecia é, portanto, inferior nesse aspecto ao conhecimento natural, que não tem necessidade de sinal algum, mas envolve por sua natureza a certeza”^[36]. Nós veremos mais adiante que Espinosa não acredita em milagres: trata-se, segundo ele, de fenômenos não explicados (mas não inexplicáveis), produzidos pela potência da imaginação e do espírito humano. É assim que a função profética se acompanha sempre de signos. Isso também vale para o Novo Testamento: Jesus lamenta, ademais, que seus ouvintes tenham sempre necessidade de sinais para crer. Ora, precisa ainda o filósofo, os sinais que faz o profeta, como ademais seu tipo de profecia, são função de sua sensibilidade, de seu temperamento, de suas opiniões, de sua cultura. Se o profeta, por exemplo, é de humor alegre, ele anunciará eventos positivos, suscetíveis de deixar o povo alegre. Se, ao contrário, é de temperamento colérico, ele se fará o porta-voz da cólera divina etc. Da mesma forma, se ele vive no campo, sua revelação se apoiará sobre imagens bucólicas, mas, se ele vive na corte, imaginará Deus como um rei rodeado de súditos, e, se ele é soldado, como o senhor dos exércitos. Em suma, o discurso do profeta não deve jamais ser tomado ao pé da letra, mas sempre interpretado, relativizado, precisamente porque ele é relativo à imaginação, ao temperamento, às opiniões e ao modo de vida do profeta. Eis a razão pela qual os profetas divergem entre si sobre vários pontos, à exceção de um só, nos diz Espinosa: a necessidade de praticar a justiça e a

nossa maior felicidade consistem na perfeição de nossa mente. Aristóteles já afirmava que era a contemplação divina, atividade perfeita de nossa mente, que nos trazia a felicidade suprema^[45]. Espinosa concorda com isso: “É no conhecimento e no amor de Deus que consistem nosso soberano Bem e nossa beatitude”^[46]. Segue-se que a lei divina, inscrita em nossa mente e em nosso coração, consiste em amar a Deus, não por medo de um castigo qualquer, mas porque esse conhecimento e esse amor constituem “o fim último e o alvo de todas as ações humanas”^[47]. É através do conhecimento da Natureza e de suas leis que o filósofo acessa a esse conhecimento e a esse amor de Deus. Espinosa concede todavia que poucos homens o alcançam, e é nisso que as Escrituras Sagradas são úteis ao homem: mesmo que elas não lhe tragam a alegria suprema da contemplação divina, dão-lhe regras de condutas necessárias à vida social, principalmente a prática da justiça e da caridade. Assim, ele distingue a lei divina, “inata à alma humana e como que inscrita nela”^[48], que conduz à beatitude, da lei religiosa, que visa educar o homem por mandamentos, em vista da prática do amor e da justiça.

Espinosa explica que o alvo das cerimônias e dos rituais consiste em impor um tipo de “servidão voluntária” – “fazer com que os homens não ajam jamais segundo seu próprio decreto, mas sempre sob o mandamento de outro”^[49] – a fim de favorecer a vida social. Ele cita como exemplos ritos cristãos (batismo, missa, festas etc.) que foram instituídos pelo Cristo e os apóstolos como “signos exteriores da Igreja universal e não como coisas que contribuem para a beatitude ou que tenham em si mesmas um caráter sagrado”. Mas finalmente, conclui Espinosa parafraseando Jesus e Paulo, julga-se o homem por seus frutos, e “aquele que traz frutos tais como o amor, a alegria, a paz, a igualdade de alma, a bondade, a boa-fé, a doçura, a inocência, o controle de si, [...] que ele tenha sido instruído apenas pela razão ou

vida social harmoniosa. Mas, enquanto a razão natural, e, portanto, a filosofia, permitem-nos subscrevê-las por nosso livre consentimento e nosso pleno entendimento, a fé nos convida a respeitá-las por obediência. “Como não ver que um e outro Testamentos não querem dar outra lição? Que um e outro não se fixaram por objetivo obter uma submissão voluntária?”^[56] A fé e a observância dos mandamentos religiosos, mesmo se elas são servidão, podem apesar de tudo conduzir à felicidade pela prática do amor ao próximo, mandamento que constitui “a norma única da fé universal”^[57]. Espinosa cita a primeira Epístola de João Evangelista: “Aquele que ama é filho de Deus e conhece a Deus, mas aquele que não ama seu próximo não conhece a Deus, porque Deus é amor”^[58]. Convém portanto, para terminar, distinguir melhor o pensamento da fé, a filosofia da teologia. A filosofia busca a verdade e a beatitude suprema, enquanto a fé visa a obediência e o fervor da conduta. Porque é de outra ordem, “a fé deixa a cada um a liberdade total de filosofar”. Da mesma forma, a teologia não está a serviço da razão (mas da fé), nem a razão a serviço da teologia. “Uma e outra têm seus reinos próprios: a razão, aquele da verdade e da sabedoria; a teologia, aquele do fervor fiel e da submissão”^[59]. Mesmo se privilegia, evidentemente, a busca racional da sabedoria sobre a submissão da fé, Espinosa não permanece menos consciente de que “a Escritura trouxe aos homens uma imensa consolação. Todos, sem exceção, podem obedecer, ao passo que uma fração muito pequena do gênero humano atinge o valor espiritual, sem outro guia que a razão”^[60].

[27]. Desde o século XV, nos Países Baixos, *pensionário* era o nome dado ao administrador de cada província, um cargo de caráter público executivo, pelo qual aquele que o ocupava recebia uma *pensão*. Um pouco mais tarde foi criado o cargo de *Grande Pensionário*, responsável por todas as então Sete Províncias Unidas (atual

mística natural imanente, mas jamais se poderá afirmar que Espinosa é um homem religioso. Ele foi sempre, com o risco de sua vida, um homem livre de toda crença e de todo pertencimento religioso, o que lhe valerá ser incompreendido e perseguido tanto por autoridades judaicas quanto cristãs. Insisto sobre esse ponto, porque seria um erro ler o que Espinosa diz do Cristo como uma duplicidade ou uma estratégia (como afirmaram certos comentadores) visando atrair as boas graças dos cristãos.

Não somente ele não foi nada disso, como é totalmente contrário à sua mente livre e independente, incapaz de se decidir pela menor concessão ao que ele pensa ser a verdade. Isso sobressai com força em sua correspondência: ele persiste e insiste sobre aspectos de seu pensamento, ao risco de chocar seus melhores amigos e mais fiéis apoiadores, principalmente sobre questões religiosas. Quando muito sua prudência o incitará a renunciar à publicação de um texto para evitar um desencadeamento de paixões, ou então a assiná-lo com pseudônimo. Mas jamais a travestir seu pensamento.

Qual concepção Espinosa tem então do Cristo? Vimos no capítulo precedente que, segundo ele, os profetas recebem a palavra divina por meio de sua imaginação. As profecias são, portanto, necessariamente condicionadas pela sensibilidade, as opiniões, os preconceitos pessoais e culturais dos profetas, e não devem ser lidas literalmente. No entanto, Espinosa afirma, de maneira muito espantosa, que o Cristo constitui uma exceção a essa regra:

O Cristo teve revelação dos desígnios divinos concernentes à salvação dos homens não pelo intermédio de palavras nem de visões, mas imediatamente. [...] a voz do Cristo pode ser chamada a voz de Deus, tal como aquela ouvida outrora por Moisés. Nesse mesmo sentido, Podemos dizer também que a Sabedoria de Deus, isto é,

das outras igrejas é perfeitamente supérfluo e está fundado apenas na superstição. O sinal único e mais certo da verdadeira fé católica e da verdadeira posse do Espírito Santo é, portanto, como eu o disse com João, a justiça e a caridade: aí onde se as encontra, o Cristo está verdadeiramente presente, aí onde elas faltam, falta também o Cristo.

Bela lição dada a nosso jovem convertido um tanto demasiado zeloso, cujas afirmações são seguramente mais impregnadas de ódio do que de caridade!

Além das numerosas palavras de Espinosa sobre o Cristo, das quais acabo de resumir o essencial do teor, poder-se-ia também sublinhar os paralelos entre a mensagem dos Evangelhos e o pensamento espinosista. Já evoquei na apresentação desta obra que as duas doutrinas insistem sobre a importância de não fazer julgamento. Voltarei sobre este ponto, e sobre outros, nos capítulos consagrados à *Ética*.

[61]. *Tratado teológico-político*. Op. cit., cap. I, p. 624-625.

[62]. *Ética*. Op. cit., parte IV, proposição 68.

[63]. "Carta 74 a Henry Oldenburg".

[64]. *Tratado teológico-político*. Op. cit., cap. V, p. 691.

[65]. *Ibid.*, p. 675.

[66]. LENOIR F. *Le Christ philosophe*. Plon, 2007; Seuil, 2009 [Col. "Point essais"].

[67]. Cf. a esse respeito meu epílogo do *Christ philosophe*, no qual comento longamente o cap. 4 do Evangelho de João ("é preciso adorar Deus em espírito e verdade", como o diz o Cristo à mulher samaritana).

pensamento antijudaico. Eis aqui um longo trecho:

Existe uma traição de Espinosa. Na história das ideias, ele subordinou a verdade do judaísmo à revelação do Novo Testamento. Este, certamente, se supera pelo amor intelectual de Deus, mas o ser ocidental comporta essa experiência cristã, ainda que fosse como etapa. Desde então salta aos olhos o papel nefasto exercido por Espinosa na decomposição da inteligência judaica, mesmo se para seus representantes, como para o próprio Espinosa, o cristianismo é apenas uma verdade penúltima, mesmo se a adoração de Deus em espírito e verdade deve ainda sobrepujar o cristianismo. O reconhecimento dos Evangelhos como uma etapa inevitável no caminho da verdade importa mais em nossos dias do que a profissão mesma do credo. Judaísmo prefigurando Jesus – eis por onde o espinosismo fez imprimir ao judaísmo irreligioso um movimento ao qual, religioso, ele se opunha durante 17 séculos. [...] Graças ao racionalismo patrocinado por Espinosa, o cristianismo triunfa sub-repticiamente^[72].

Levinas provavelmente tira seu “antiespinosismo” de um de seus principais mestres: o rabino Jacob Gordin (1896-1947), que execrava Espinosa e via nele um dos responsáveis pelo antissemitismo moderno. É verdade que Espinosa não se contentou em minar o fundamento mesmo da religião judaica; ele teve também palavras muito duras para com “os hebreus” ou “os judeus”, de maneira indistinta, que puderam eventualmente influenciar a propaganda antissemita, muito violenta nas sociedades europeias até o advento do nazismo, que constituiu o ponto culminante dela. Assim, ele critica a arrogância dos “hebreus, que, se gabando de estarem acima dos outros humanos, desprezavam todos os outros povos”. Ou antes, aliás, ele responde a uma objeção que gostaria de ver na longa existência do povo judeu, apesar de tantas provações, um sinal da permanência de

descobrir Deus e suas leis sem o recurso da fé religiosa e de todos os dogmas que a acompanham, que ele considera como representações pueris, fontes de todos os abusos de poder possíveis pelas instituições religiosas que os promulgam e são deles as guardiãs.

De meu ponto de vista, o que Espinosa talvez negligenciou na religião foi, de um lado, a dimensão do coração, que pode conduzir às mais altas experiências místicas; de outro lado, sua dimensão identitária, fundada sobre um sentimento de pertencimento de natureza mais afetiva que racional. O filósofo Henri Bergson (igualmente de origem judaica) foi um fervoroso admirador de Espinosa e, ainda que não partilhasse todas as suas teses, não hesitou em escrever: “Quando se é filósofo, tem-se duas filosofias: a sua e a de Espinosa”. Ora, a análise que faz Bergson da religião me parece mais completa que a de Espinosa. Em sua última obra, *As duas fontes da moral e da religião*, ele distingue com efeito uma religião “fechada” ou “estática”, que corresponde bem àquela criticada por Espinosa, cuja função dogmática e normativa visa assegurar a coesão social. Mas ele se interessa também por uma outra face da religião, “aberta” e “dinâmica” dessa vez, através da experiência mística. Ele mostra, de fato, que se pode reduzir a experiência religiosa à superstição (fundada no medo) e à observância dócil da lei. Existe também, mesmo que seja mais rara, uma experiência dos fiéis fundada no amor que pode conduzi-los aos cumes de humanidade. Ele toma assim como exemplos os grandes místicos cristãos e hindus (mas se poderia dizer isso de tantos outros espirituais de todas as religiões) e mostra que seu misticismo, fundado sobre a fé e o amor de Deus, os conduz a uma verdadeira liberdade interior, uma prática exemplar da justiça e da caridade e um formidável *élan* criador. Todos frutos da sabedoria última descritos por Espinosa, mas obtidos aqui não pela argumentação racional, e sim por uma fé apaixonada e fervorosa. E

“pacto” social, os homens se prometem apoio mútuo e decidem não fazer a outro o que eles não desejariam que se fizessem a eles. Renunciam voluntariamente, ou por crença na punição, a seu direito de natureza, a fim de viver em segurança seguindo regras coletivas. Essa transmissão da potência e da soberania individual à potência e soberania coletiva constitui, portanto, o fundamento de todo pacto social.

Em seu *Tratado político*, antes de encarar os diferentes regimes políticos possíveis, Espinosa recapitula o essencial do que se tornará, com poucas *nuanças*, as grandes instâncias da política moderna: “A instauração de um regime político qualquer caracteriza: o estado de sociedade^[*]. O corpo inteiro do Estado se chama nação; e os negócios gerais que dependem da pessoa que exerce a autoridade política, a comunidade pública. Enquanto os homens se beneficiam, no seio da nação, de todas as vantagens asseguradas pelo direito positivo, nós lhes aplicamos o nome de cidadãos, e enquanto são obrigados a obedecer às instituições ou leis nacionais, o de súditos. O estado de sociedade assume três formas: a saber, democrática, aristocrática e monárquica”^[78].

Enquanto a história humana privilegiou os regimes monárquicos e a maior parte dos filósofos que o precederam, seguindo Platão, viram em diversas formas de aristocracia o regime político mais desejável, Espinosa afirma que a democracia constitui o melhor regime possível. Pois se todo regime político visa a segurança dos indivíduos que o compõem e a paz, só a democracia responde também a duas aspirações fundamentais dos indivíduos: a igualdade e a liberdade. “Se a prefiro aos outros regimes, é que ela parece o mais natural e o mais suscetível de respeitar a liberdade natural dos indivíduos. Na democracia, com efeito, nenhum indivíduo transfere seu direito

razão. Na esteira de Montaigne, que pregava uma educação visando fazer cabeças “bem-feitas”, antes que cabeças “bem cheias”, Espinosa sabe que quanto mais os indivíduos forem capazes de adquirir um julgamento sobre o que os ajudará a discernir o que é verdadeiramente bom para eles (o que ele chama de “útil próprio”), mais eles serão úteis aos outros sendo cidadãos responsáveis. Todo o pensamento de Espinosa repousa com efeito sobre essa ideia de que um indivíduo concordará tanto melhor com os outros quanto ele estiver de acordo consigo mesmo. Em outras palavras, nossas democracias serão tanto mais sólidas, vigorosas e fervorosas quanto os indivíduos que as compõem sejam capazes de dominar suas paixões tristes – o medo, a cólera, o sentimento de inveja etc. – e conduzir sua existência segundo a razão. Mesmo se ele não o diz explicitamente, compreendemos também que cidadãos mais movidos por suas emoções do que por sua razão poderão eleger ditadores ou demagogos. Hitler não foi eleito da forma mais democrática do mundo, por causa do ressentimento do povo alemão após a humilhação do *Tratado de Versailles*? Donald Trump não entrou na Casa Branca em razão da cólera e do medo de uma maioria de americanos?

Espinosa havia compreendido, três séculos antes de Gandhi, que a verdadeira revolução é interior e que é transformando-se a si mesmo que se mudará o mundo. Eis a razão pela qual ele escreveu durante 15 anos a *Ética*, sua grande obra, um livro de conhecimento das leis do mundo e do homem, mas também um guia de transformação de si, a fim de nos conduzir à sabedoria e à felicidade última.

[76]. Completarei aqui a análise do *Tratado teológico-político* com aquelas propostas em certas passagens da *Ética* (principalmente, parte IV, proposição 33) e do *Tratado*